

FATOS E NOTAS

A PROPÓSITO DE AMERICO VESPUCCI (1)

Leio, na "*Revista Brasileira de Geografia*", recentemente chegada, na secção intitulada "Vultos da Geografia do Brasil", um breve artigo da autoria do sr. Virgílio Correia Filho dedicado a Amerigo Vespucci(2).

Se pode agradar que o nosso autorizado confrade brasileiro recorde o grande navegador florentino, cuja fama voa sempre mais alto entre os homens, é difícil esconder a surpresa ao constatar quão pouco informado se revela o autor dêsse artigo no que diz respeito a recente historiografia vespuciana e aos resultados que ela conseguiu, sobretudo devido aos estudiosos italianos, incorrendo assim em não poucas inexatidões.

O artigo do senhor Correia, seguido da reprodução de um retrato de Vespucci, dir-se-ia escrito com a intenção de recordar um centenário: o autor cita de fato 4 de março de 1451 como a data do nascimento do Florentino, advertindo que a data certa não é conhecida com segurança. Neste caso, admirar-se-ia que na Itália ninguém tivesse pensado em celebrar êste ano, o quinto centenário do evento, tanto mais que em Gênova, ainda está aberta a "Mostra Colombiana", destinada a comemorar o quinto centenário do nascimento de Colombo. Porém a explicação é simples: para usar de palavras que não são minhas, a "data 1451 é aceita geralmente devido ao hábito que têm muitos biógrafos de repetir erros" (3).

É sabido — há mais de meio século — que Amerigo Vespucci nasceu em Florença no mês de março de 1454, circunstância sobre a qual não se pode mais levantar qualquer dúvida. De outro

-
- (1). — Artigo enviado pelo Autor, em italiano, e traduzido pelo Licenciado Aldo Janotti.
 - (2). — Virgílio Correia Filho, "*Americo Vespuccio*", na *Revista Brasileira de Geografia*, ano XII (1950), páginas 94 e 95.
 - (3). — F. J. Pohl, *Americo Vespucci, Pilot Mayor*. New York, 1945, página 208. A data foi corrigida por E. Masini — *La data della nascita di Amerigo Vespucci*, na "*Revista Geografica Italiana*" V (1898), páginas 86 a 88, o qual teve a fortuna de encontrar o nome do grande navegador no Registro de Batismo da igreja de S. João Batista de Florença, no período de 1450-1460. O nome foi inscrito debaixo da data de segunda-feira, 18 de março de 1453, mas é provável que o batismo tenha tido lugar no mesmo dia do nascimento ou um dia depois, portanto a 17 ou 18 de março de 1454. Causa surpresa que continuem a tratar dêsse problema com perdurável incerteza — agora resolvido — como é por exemplo, no recente trabalho de R. Ezquerria Abadia, *Los precedentes del descubrimiento del Mexico (ante el Centenario de Hernan Cortes)*, no Boletim da "*Real Sociedad Geografica*", Madrid, LXXXV (1949), páginas 561.

lado, o senhor Correia incorre em dupla inexatidão, porque a data errônea transmitida pela tradição não seria, em nenhum caso 4 de março de 1451, mas 9 de março de 1452.

De nenhum documento se deduz que Vespucci haja iniciado a sua "aprendizagem" em Pisa guiado pelo tio Giorgio (mas acertadamente devia dizer-se Giorgio Antonio), porque este último não ensinou nunca em Pisa (antes, para ser exato, não ensinou a não ser em Florença, dando aulas particulares) (4). Em Pisa estudou o seu irmão Antônio, mais velho que ele dois anos, e Amerigo foi àquela cidade, pelo que sabemos, em 1489, quando tinha portanto 35 anos. Não consta que Vespucci tenha praticado em Pisa a profissão de mercador. Ao contrário, estranho seria que seus parentes, com o escopo de dar-lhe tal profissão, o afastassem de Florença.

Guidantonio Vespucci, que era em realidade um parente um tanto afastado de Amerigo (era primo em terceiro grau do seu pai Nastagio) (5), levou consigo o futuro descobridor a Paris, onde ambos se demoraram dois anos; mas disso não resulta em absoluto que Amerigo tenha lá desenvolvido a sua "vocação mercantil" e aumentado as suas posses, como afirma o senhor Correia. De negócios de comércio Vespucci se ocupou certamente em Florença, depois da sua volta da França, quando passou ao "banco de Lourenço de Pier Francisco de Medici", e aí verdadeiramente começou a sua "aprendizagem" (6); mas tanto desta, como da sua preparação cosmográfica sabemos em realidade muito pouco, e tudo aquilo que foi escrito pertence ao gênero da história fantástica e romanciada da qual se gosta de fazer alarde quando não se possui documentos.

Vespucci partiu de Florença para a Espanha depois de 10 de novembro de 1491 e antes de fevereiro de 1492: é tudo o que podemos dizer acertadamente (7). Porém, que tenha partido com o "pressentimento da nova era que as atividades marítimas" da península ibérica estavam destinadas a abrir para a Europa, é uma outra afirmativa do senhor Correia que não encontra base em nenhum documento.

Tudo isso, de qualquer modo, tem pouca importância em confronto com o que o senhor Correia nos reserva na parte que diz respeito às viagens realizadas por Vespucci e o significado delas na história das explorações.

(4). — P. L. Rambaldi, *Amerigo Vespucci*, Firenze, 1898, página 16 e a bibliografia ali relacionada.

(5). — P. L. Rambaldi, obra citada, página 17.

(6). — P. L. Rambaldi, obra citada, página 23 e 24.

(7). — A. M. Bandini, *Vita di Amerigo Vespucci*, ilustrada e comentada por G. Uzielli, Firenze, 1892, página 83. Com a data de 10 de novembro de 1491, existe uma carta de Basilio di Monsummano dirigida a Amerigo "in casa di Lorenzo di Pier Francesco dei Medici"; com a data de 30 de janeiro de 1492, uma assinada por Donato Niccolini e Amerigo Vespucci, proveniente da Espanha (talvez de Sevilha) a pessoa não nomeada, mas que é provavelmente o mesmo Lorenzo di Pier Francesco dei Medici.

Ele, de fato, ao passo que tem uma vaga intuição das dúvidas que a crítica levantou sobre a autenticidade dos escritos atribuídos a Vespucci, e recusa admitir a primeira das quatro tradicionais navegações a que está ligado o nome do Florentino, não hesita em fazê-lo participar de uma segunda viagem a serviço de Portugal, que teria se realizado entre maio de 1503 e junho de 1504. E, enquanto se detém sobre esta expedição que — admitida também se conseguisse prová-la — não teria tido senão uma importância francamente negligenciável, não faz a mínima referência aos resultados conseguidos com as outras realmente realizadas por Vespucci, que lhe asseguram na história da época das grandes descobertas um posto em nada inferior àquê reservado a Colombo e mais elevado do que aquê que costumam dar a Cabral.

Não é o caso de lembrar ao leitor italiano, ainda uma vez, as conclusões a que chegou sobre este problema o saudoso Magnaghi: de resto, prescindindo da habitual teimosa e vaidosa acrimônia de alguns escritores de marca ibérica, se não de algum não menos teimoso e interessado epígono, a crítica agora vem orientando-se no sentido indicado pelo nosso estudioso(8).

Alegre naturalmente verificar-se que a reconstrução proposta por Magnaghi para as viagens do Florentino tenha resolvido definitivamente todos os problemas vespucianos, isso ninguém pretende, e menos que nunca pretendia Magnaghi: o qual declarava modestamente considerar-se pago de haver indicado somente o caminho para resolvê-los. Mas é certo que um exame destes problemas, destinado a orientar não importa para qual conclusão, diferente e mesmo anti-ética, não pode jamais deixar de levar em conta as conclusões a que êle chegou. As afirmativas vibrantes e categóricas, as difamações arrogantes e preconcebidas, a sistemática e preordenada depreciação daquilo que não seja desta ou daquela nação, não constituem matéria científica. Quem quizer ficar no terreno científico deve agora recorrer a obra de Magnaghi, ou aceitando as conclusões relativas ao basilar problema das fontes, ou refutando-as e propondo portanto outras. Mas para este fim a retórica e as afirmativas apodícticas já não bastam.

Ao contrário, o estudo dos mais recentes escritos — de marca lusitana — sobre Vespucci mostra que se prefere o mais cômodo sistema de ignorar os argumentos de Magnaghi, evitando discutir

(8). — A Magnaghi, Americo Vespucci, studio critico con speciale riguardo ad una nuova valutazione delle fonti, accompagnata dai documenti non ancora pubblicati del Codice Vaglianti (Riccardiano, 1910). Roma, 1926. É a segunda edição, que parece em todo caso menos conhecida no exterior, que a primeira, aparecida em Roma em 1924. Sem me deter sobre os trabalhos, agora bem conhecidos entre nós, de Pohl e Marcondes de Souza, aqui citados, revelo que a tese de Magnaghi começa a conquistar também os espanhóis, como acontece, por exemplo, no estudo há pouco lembrado, de R. Ezquerria Abadia, obra citada, página 572 e seguintes, o qual admite que o nosso Magnaghi deu uma "solución satisfactoria" ao problema vespuciano. Infelizmente este reconhecimento não impede que o Autor proceda, porém, por sua conta, de acôrdo com o método que não é crítico. Mas disto nos ocuparemos em outra ocasião.

tudo aquilo que se opõe às habituais reelaborações de idéias conhecidíssimas, ou pior, de preparar pasmosas novidades com as quais, deixando atrás elementos indiciários e sem se dar ao trabalho de aprofundar qualquer problema, alguns esperam ganhar uma ilusória publicidade.

A êste gênero de teses indiciárias pertence, sem dúvida, a suposta segunda viagem de Vespucci a serviço de Portugal em 1503-1504, baseada exclusivamente em dados da *Lettera a Soderini*, cuja natureza apócrifa está agora fora de dúvida. Aos argumentos apresentados por Magnaghi para demonstrar que Vespucci não devia por cousa alguma nela ter tomado parte, se pode acrescentar o que alega Marcondes de Souza, isto é, a prova documentada que Nronha, achando-se no Brasil em 1503, não podia evidentemente ter capitaneado a suposta expedição da qual quem que Vespucci tenha participado(9).

Quando voltou para a Espanha o navegador florentino? Nenhum documento esclarece de modo certo; mas da carta de Rondinelli de 3 de outubro de 1502, se pode com boa razão deduzir que êle devia ter voltado logo, sem esperar como quer o Autor, o mês de junho de 1504 (10). E também isto é uma confirmação que não deve ser esquecida, que Vespucci não pôde participar da viagem que Coelho realizou em 1503-1504.

Quando a nomeação do florentino para *Piloto Mayor* da "Casa de Contratación" de Sevilha — isto é, dizemos nós, para superintendente ou diretor de tôdas as emprêsas ultramarinas ordenadas pela Corôa espanhola — não se trata neste caso de qualquer afirmativa de um estudioso (seja da mesma estatura de Navarrete), como parece das palavras do Autor, mas de um acontecimento real, como comprovam dois decretos reais da Corôa espanhola, um de 28 de março e outro de 6 de agosto de 1508 (11).

Depois do que foi dito sôbre a atividade de Vespucci, penso ser inútil comentar como conviria a fonte do artigo do Autor que se refere à responsabilidade — diremos assim — do florentino na "consagração que lhe decretou Waldseemüller" (12).

-
- (9). — T. O. Marcondes de Souza, *Amerigo Vespucci e suas viagens*, no Boletim número CV da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, 1949, páginas 165 a 167.
- (10). — A carta foi publicada na *Raccolta Colombiana*, parte III, volume II, páginas 120 e 121 e recentemente republicada, entre outros, por T. O. Marcondes de Souza, obra citada, páginas 277 a 279.
- (11). — M. F. de Navarrete — *Colección de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los Españoles desde fines del siglo XV*. Madrid, 1829, III, página 291 e seguintes. O Autor poderá aliás ler o decreto de 6 de agosto, assinado pela rainha Joana, nas páginas 303 a 306 da citada obra de T. O. Marcondes de Souza.
- (12). — Deve parecer — para não usar de pior expressão — anacrônico continuar a se discutir o velho problema sôbre a origem do nome América, e repetir as conhecidas e tolas acusações feitas a Vespucci, o qual, como é agora sabido, não conheceu e nem tão pouco teve qualquer relação com Waldseemüller, ao passo que manteve sempre boa amizade com Colombo. A tenaz persistência destas insinuações é uma nova prova de quanto é difícil, mesmo na época do rádio e dos aviões ultrasônicos, arraigar a má erva do erro do pequeno campo da ciência, sempre fechado.

A análise das cartas do primeiro grupo feita por Magnaghi (13) dá uma idéia bastante clara do que em realidade foi o assim chamado "círculo dos eruditos de Saint-Dié", na Alsácia, sobre o qual foram consumidos rios de tinta, aceitando *ad verbum* as notícias fornecidas pelo *Mundus Novus* e pela *Lettera a Soderini*. É esta, sem dúvida, uma das partes da obra de Magnaghi que merece maior atenção: nela, de fato, é evidenciado quanto pode uma crítica sagaz e atenta conseguir para o nosso conhecimento, aquilo que a simples e imediata leitura dos textos não permitiria reconhecer (14). E, no entanto, se trata de pura e simples aplicação no campo dos nossos estudos, dos mais ortodoxos e usados métodos da moderna crítica histórica!

Nada de "inigualável argúcia", nada de "tamanho perspicácia", nos escritos autênticos — as três cartas do Códice Riccardiano 1910 — de Vespucci! Se há um escritor que se apresente revestido da mais cristalina boa fé e que se mantenha distante de qualquer preconceito e da suspeita amplificação da verdade, este é exatamente o Florentino. De resto o tom das três cartas autênticas é o de correspondência particular, onde quem escreve sabe dirigir-se a pessoa amiga, com a qual se comporta como em uma conversação amistosa, leal e sem segundas intenções. Quanto ao *Mundus Novus* e a *Lettera a Soderini*, uma vez documentada — como Magnaghi fez com meticolosa precisão e com tamanha abundância de provas, que tira toda a veleidade de contraste a quem queira manter-se adistrito à documentada verdade dos fatos (15) — a origem apócrifa, ninguém tem razoavelmente o direito de servir-se delas para apontar como ignorante, mentiroso e de má fé Vespucci, que não tomou a menor parte nas suas feitura, e que até agora teve que suportar a responsabilidade em face de juizes tão carrancudos quanto injustos (16).

É evidente que entre os países da América Meridional, aquê que tem maiores motivos de interessar-se por Vespucci é o Brasil, cujas costas foram exploradas e reconhecidas pelo Florentino, com prioridade absoluta e documentada sob todos os outros navegantes, inclusive Cabral. Não é preciso cançar-se de repetir — introduzindo esta noção nos livros escolares (enquanto não poucos dos nossos livros de texto continuam a ignorá-lo) — que a presuposta descoberta do Brasil por Cabral não só se realizou com um

(13). — Obra citada, página 20 a 103.

(14). — Não nos iludamos se queremos começar a falar d'este presuposto "círculo" de eruditos, cuja existência lembra a fantástica Escola Naval de Sagres, onde teria pontificado o Infante D. Henrique.

(15). — Lemos, depois de 1926, diversos escritos sobre este argumento que, na maior parte, persistem em dar como autênticas as fontes que foram publicadas; ninguém, dizemos ninguém, apresentou um só argumento (argumento e não palavrório) capaz de abalar as provas feitas por Magnaghi.

(16). — Os quais, pois, são invocados como depositários do verbo divino dos soezes pseudos-historiadores portugueses, sempre azafamados em proclamar que o mérito de tudo que foi feito durante a época das grandes descobertas se deve unicamente aos lusitanos.

atrato de cêrca de nove meses com relação à primeira abordada de Vespucci naquela mesma região (julho-agosto de 1499), mas foi devido exclusivamente ao acaso. De resto, Cabral e os seus companheiros — que, não seja esquecido, dirigiam-se para Calicut — sabiam firmemente haver tocado apenas numa ilha. Como se não bastasse a toponímia portuguesa, que no começo denominou Ilha de Vera Cruz aquêlo local, que urgia a Lisboa tomar posse, transformou depois o nome em Cabo da Terra de Vera Cruz, mas só depois que Vespucci, na sua grande segunda viagem, demonstrou a continuidade da costa atlântica sul americana (17).

Nada é mais odioso e mesquinho, em face da tremenda solemnidade da História — com letra maiúscula — do que o obstinado ciúme de campanário, com que se ilude ao defender glórias nacionais, não importa se a despeito da verdade e comprazendo-se muitas vêzes de primados cartáceos sôbre menos afortunados concorrentes. Mas se a figura de Vespucci não teme absolutamente o confronto com a de Colombo — e as constantes relações de estima e de amizade mantidas entre os dois grandes conterrâneos bastaria por si só para dar um fim à astuciosa polémica que dividiu no passado os dois estudiosos àcêrca da prioridade da descoberta do continente americano — nada autoriza a por-lhes ao lado em igual nível, um navegador como Cabral, cujo nome está ligado a emprêsas certamente memoráveis, mas bem diversas, seja pela sua intrínseca importância, seja pelos resultados atingidos, daqueles dos dois excelsos italianos.

Numa época em que, como em nossos dias, a humanidade tende com ansiosa esperança à superação das ideologias nacionais em nome de uma universal fraternidade, é de se desejar que ulteriores, deligentes e felizes pesquisas permitam renovar, sob base de uma ciência finalmente livre de tôda paixão extra-científica, a historiografia da época das grandes descobertas, ainda intrincada e estacionada pelos sedimentos de uma tradição muito turva de interesses e de enganos.

Professor Dr. GIUSEPPE CARACI

Da Universidade de Roma

(17). — Para êste problema, veja-se A. Magnaghi, obra citada, páginas 162 a 163, 164, 172-173, 174-176. Isso não impede que historiadores, não só portugueses, mas de outras nações, persistam com candura verdadeiramente "inigualável" a apontar Cabral como o descobridor do Brasil!